

CAMPANHA PARA A EVANGELIZAÇÃO - 2014

Texto referencial

INTRODUÇÃO

1 – A Igreja no Brasil realiza a Campanha para a Evangelização deste ano de 2014 com o lema “Cristo é nossa paz” (cf. Ef 2,14). O tempo do Natal se relaciona a festa, alegria e confraternização. Este clima de alegria e festa não se concretiza sem a paz desejada por todos. No Natal, recebemos Aquele que vem de Deus com o poder de estabelecer a paz. Ele é apresentado por Isaías como o Príncipe da Paz (cf. Is 9,5).

3 – O anúncio do Evangelho começa com a saudação de paz, que coroa e cimenta a relação entre os discípulos. Num mundo marcado por corações despedaçados, será difícil construir a paz.¹ O Papa Francisco nos diz que Cristo é a nossa paz, porque venceu o mundo e os conflitos pacificando-os pelo sangue da sua cruz (cf. Cl 1,20).

4 – Por isso, o lema da Campanha para a Evangelização de 2014 é oportuno. Precisamos enfrentar as crises e os conflitos com a força, o vigor e a novidade do Evangelho. A Igreja, serva humilde e despojada da humanidade² é chamada a levar a todas as pessoas o seu bem mais precioso: Jesus Cristo. Eis a boa notícia geradora de paz, capaz de transformar os corações humanos e as estruturas da sociedade.

TEMPOS DE CRISE

5 – O nosso tempo é marcado por crises que exercem grande influência na vida de todos e contribuem para a ressentida ausência de paz difundida pela sociedade brasileira.

6 – Dentre as realidades geradoras de crise, no modo de produção predominante em nossa sociedade, uma das principais é a inadvertida busca pelo lucro. “A busca pelo lucro a todo custo sustenta as corporações econômico-financeiras, rege a produção e o comércio mundial, seduz as nações e cada indivíduo”.³ Na mesma linha de raciocínio, o Papa Francisco chama a atenção para a idolatria do dinheiro: “A adoração do antigo bezerro de

¹ Cf. EG, n. 299.

² Cf. DOCUMENTOS da CNBB. *Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora*. Brasília: Edições CNBB, 3ª Edição, n. 32.

³ Estudo da CNBB 107, n. 26b.

ouro (cf. Ex 32,1-35) encontrou uma nova e cruel versão no fetichismo do dinheiro e na ditadura duma economia sem rosto e sem um objetivo verdadeiramente humano”.⁴

7 – Neste contexto econômico, o ser humano é visto a partir do consumo e não na sua totalidade.⁵ Este sistema de produção gera desigualdades, porta de entrada de inúmeros males sociais que atentam contra a dignidade humana. Este desrespeito traz consigo violência, sofrimento, dor e morte.

8 – Outra séria crise dos nossos tempos é a familiar. A crise da família encontra suas raízes no individualismo, a outra face do pluralismo cultural globalizado.⁶ O problema se agrava ao considerarmos que as famílias não contam com políticas públicas adequadas e respeitadoras dos valores que devem estruturá-la. O Papa Francisco qualifica a situação atual da família como uma crise social profunda e grave.⁷

9 – Outra realidade geradora de conflitos e violência decorre da situação dos jovens em nossa sociedade. Além de sofrerem diretamente com a situação familiar, também sofrem com a pobreza, o despreparo para o mercado de trabalho, a ameaça das drogas e o extermínio que os atinge.

10 – A crise na democracia representativa dificulta a efetivação dos direitos e de convivência pacífica na nossa sociedade. A dimensão religiosa já convive com ataques à sua liberdade, aos cristãos em particular;⁸ e surge uma espiritualidade que privilegia momentos religiosos, descompromissada com o outro, com a justiça social ou com a evangelização.⁹

11 – Estas crises expressam as ambiguidades e conflitos de nosso tempo e interferem no alcance da paz. Este intento ainda é dificultado por certa desorientação para a resolução de situações como a violência. As informações geram confusão, pois são fragmentadas, contraditórias e sem responsabilidade ética.¹⁰ Esta situação contribui para a crise do sentido que deveria conferir um senso de unidade a tudo o que existe e nos sucede na experiência, que os cristãos chamam de sentido religioso.¹¹

⁴ EG, n. 55.

⁵ Ibidem.

⁶ Cf. CELAM. *Documento de Aparecida*. n. 479.

⁷ Cf. EG, n. 66.

⁸ Cf. EG, n. 61.

⁹ Cf. EG, n. 78.

¹⁰ Cf. DGAE, n. 48.

¹¹ Cf. DAp, n. 37.

O EVANGELHO É A BOA-NOVA

12 – Deus concedeu o dom da fé à Igreja e aos discípulos missionários, para percebê-lo encarnado na vida. Pela mediação da Igreja percebemos Jesus Cristo como dom salvífico para a humanidade,¹² que se concretiza no Reino de Deus. O dom da fé recebido suscita o amor a Deus e aos irmãos, e a opção pelos valores do Reino para nortear a vida. Assim, a fé passa a ter valor existencial, com incidência na vida pessoal, comunitária e social. Todos devem procurar o Reino de Deus em primeiro lugar (cf. Mt 6,33).¹³

13 – A acolhida e adesão ao Reino, permite compreender a palavra “Salvação”. A vida e a morte de Jesus elucidam o sentido da vida, e a tornam fecunda para si e para outras pessoas, a exemplo de como foi a vida de Jesus para o mundo. Jesus salvou a todos por meio do seu Mistério Pascal, dom gratuito do Deus que salva.¹⁴

14 – Natal é o encontro com Deus feito homem no presépio. De forma muito singular, pode ser a experiência originária do encontro pessoal com Jesus que marca o início do homem novo, do discípulo missionário. É o processo que se segue ao ato de fé após o encontro pessoal com Jesus.¹⁵

15 – A todos toca recomeçar a partir de Cristo, e o tempo do Natal é excelente ocasião para esse recomeço pelo encontro com sua Pessoa, que dá novo horizonte e orientação decisiva à vida.¹⁶ Todos são convidados a esta Boa-Nova da Salvação.

EVANGELIZAR PARA A PAZ

16 – A salvação em Jesus Cristo traz esperança, dá sentido à vida, leva a viver a cada dia a experiência de novos céus e nova terra que se manifestam nos sinais de vida nova, com dignidade e justiça.¹⁷ Mas esta esperança de novos tempos, fruto da graça divina atuando na história, não é apenas uma esperança passiva. Para se concretizar, requer o agir dos discípulos missionários.

17 – O Papa Francisco fala de Igreja em saída. Naquele “ide” de Jesus, estão presentes os cenários e os desafios sempre novos da missão evangelizadora da Igreja. Hoje, todos os discípulos são chamados a esta nova “saída” missionária. Cada cristão e cada comunidade

¹² Cf. DGAE, n. 37.

¹³ Cf. EG, n. 180.

¹⁴ Cf. DAp, n. 143.

¹⁵ Cf. DAp, n. 243.

¹⁶ Cf. DAp, n. 12.

¹⁷ Cf. DAp, n. 536.

há de discernir por qual caminho o Senhor lhe envia para sair da própria comodidade e ter a coragem de alcançar todas as periferias que precisam da luz do Evangelho.¹⁸

18 – Quando saímos, encontramos uma realidade ambígua, com as marcas da bondade do Criador e do pecado humano. O pecado feriu o que Deus viu que estava muito bom (cf. Gn 1,31) e introduziu ambiguidades na história, mas o Mistério Pascal de Cristo devolveu à humanidade a esperança de novos céus e nova terra.¹⁹

19 – A realidade, com suas ambiguidades, sempre impõe novos desafios para a ação evangelizadora e requer renovação eclesial nas dimensões espiritual, pastoral e institucional. Por isso tudo, a pastoral da Igreja não pode prescindir do contexto histórico onde vivem seus membros.²⁰

20 – A realidade urbana adquire cada vez mais importância. Nesse contexto dinâmico, repercutem as crises e suas consequências, surgem novos modos de relacionamento entre as pessoas, com Deus e com o mundo criado,²¹ como também, novas possibilidades de reestruturação diante das problemáticas sociais. O mundo urbano precisa do Evangelho, a evangelização precisa chegar aos núcleos mais profundos da alma da cidade, às suas várias culturas e seus diversos atores e setores, para resgatar valores e superar ambiguidades que provocam sofrimentos indescritíveis.²²

21 – O Evangelho denuncia direitos negados, alonga o olhar, abre os ouvidos ao clamor, faz crescer a solidariedade e possibilita um autêntico processo de libertação onde todos se tornem artífices do próprio destino.²³ A evangelização gera as transformações necessárias na sociedade, pois possibilita, em meio aos sinais dos tempos, encontrar e estabelecer critérios, valores e princípios nas verdadeiras fontes da fé cristã. E recomeçar a partir de Jesus Cristo.²⁴

22 – Isso requer da Igreja fidelidade e audácia na missão, renovando e revitalizando a Boa Notícia de Jesus Cristo. Requer também, novos discípulos e discípulas missionários(as) que encarnem os valores evangélicos e sejam protagonistas na força do Espírito, da vida nova na sociedade.²⁵ Testemunhas da vivência do Mandamento do amor

¹⁸ EG, n. 20.

¹⁹ Cf. DAp, n. 28.

²⁰ Cf. DAp, n. 367.

²¹ Cf. EG, n. 74.

²² Cf. Ibidem.

²³ Cf. EG, n. 190.

²⁴ Cf. DGAE, n. 24.

²⁵ Cf. DAp, n. 11.

em todas as dimensões da vida.²⁶ Assim, a vida cristã se torna anúncio de novos tempos de comunhão, de vida e de paz.

23 – A Igreja deve ser espaço de comunhão e de missão em vista de uma ação pastoral orgânica e vigorosa. Que una a variedade de carismas, ministérios, serviços e organizações em resposta aos desafios da missão evangelizadora e pastoral.²⁷ Este esforço seja visto nas CEBs, nas novas comunidades, nos movimentos e em outras formas de associação e movimentos, riquezas do dinamismo da ação do Espírito na Igreja, integradas na pastoral diocesana, sem divisões que as transformem em nômades sem raízes.²⁸

24 – Somente assim, o Natal será a oportunidade de fazer com que o Cristo seja nossa paz. Ao anunciar Jesus Cristo, a paz em pessoa (cf. Ef 2,14), a nova evangelização incentiva todo o batizado a ser instrumento de pacificação e testemunha credível duma vida reconciliada. É hora de saber como projetar, numa cultura que privilegia o diálogo como forma de encontro, a busca de consenso e de acordos, mas sem separá-la da preocupação por uma sociedade justa, capaz de memória e sem exclusões. O autor principal, o sujeito histórico deste processo, é o povo e a sua cultura, não uma classe, uma fração, um grupo, uma elite. Não precisamos de um projeto de poucos para poucos, ou de uma minoria esclarecida ou testemunhal que se aproprie de um sentimento coletivo. Trata-se de um acordo para viver juntos, de um pacto social e cultural.²⁹

²⁶ Cf. DAp, n. 138.

²⁷ Cf. DAp, n. 169.

²⁸ Cf. EG, n. 29.

²⁹ EG, n. 239.